



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato>

Retrato da autobiografia enquanto coisa

Caroline Barroncas de Oliveira[1]

Mônica de Oliveira Costa[2]

Monica Silva Aikawa[3]

RESUMO: A autobiografia se conta através de imagens, cores, texturas, sentidos e narrativas, porém sua incompletude, heterodoxia e renovação incute no sujeito uma busca por alteridade. Nesses termos, o retrato de si mesmo parece emergir como representação de aspectos próprios de uma autêntica pesquisa autobiográfica. Com isso em vista, este artigo tem o objetivo de problematizar os contornos, texturas e cores de um retrato/relato autobiográfico por meio dos seus aspectos teórico, metodológico, ético e estético. Tendo Manuel de Barros como âncora, tomamos sua poética de coisificação e borboletamento para a tradução dos contornos metodológicos em forma e conteúdo de vieses pós-críticos em processos investigativos, especialmente em educação e ensino. O recorte apresentado origina-se nas experimentações feitas em uma disciplina do Programa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciência na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas. A disciplina *Narrativas autobiográficas na formação de professores em Ciências e Matemática* nos proporcionou uma trilha do si e ao si, bem como um reconhecimento das perspectivas teórico-metodológicas da Pesquisa Autobiográfica em Educação. Como resultado, este artigo apresenta uma reflexão sobre um *si autobiográfico* e sobre os elementos teórico-metodológicos da pesquisa autobiográfica, bem como mostra um registro de delineamentos éticos e estéticos em autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia. Pesquisas Pós-Críticas. Escritura de si. Ética; Estética.



A portrait of autobiography as a thing

ABSTRACT: Autobiography is about images, colors, textures, meanings, and narratives, but its incompleteness and renewal implicate a search for otherness. The self-portrait then seems to represent specific aspects of authentic autobiographical research. Therefore, this article aims to question some outlines, textures, and colors of autobiography through its theoretical, methodological, ethical, and aesthetic aspects. The paper employs Manoel de Barros's terms of objectification and butterflying to investigate educational processes at university. This idea originates from experiments made at the Postgraduate Program in Education and Science Teaching in the Amazon Rainforest (State University of Amazonas). The module called *Autobiographical Narratives in the training of teachers in Sciences and Mathematics* provided us with a search for the self in light of the theoretical-methodological perspectives of Research Autobiographical in Education. As a result, this article reflects on the autobiographical self and autobiographical research and shows a record of ethical and aesthetic outlines in autobiography.

KEYWORDS: Autobiography. Postcritique. Self-Writing. Ethics. Aesthetics.

Transformamos a Autobiografia em objeto discursivo para dizer de si através de sua própria voz e registramos seus contornos teórico-metodológicos, éticos e estéticos. Primeiramente, mediante as questões teórico-metodológicas traçamos uma produção sobre Pesquisa (Auto)Biográfica, Pesquisa Autobiográfica Clássica, seguindo à Pesquisa Autobiográfica pela Invenção de Si. E deste narrar-se, delineamos retratos em devaneios manoelinos e foucaultianos dos contornos éticos e estéticos da Autobiografia, sob o recorte de experimentações na disciplina de Mestrado, intitulada “Narrativas Autobiográficas na formação de professores em Ciências e Matemática”.

Traçamos, trilhamos e retratamos em cores, texturas, imagens e poéticas as ideias que contornam, e por vezes fixam ou mobilizam, os trejeitos autobiográficos em pesquisa. Trata-se de uma desbiografia? Veremos!

Então, convidamos a conhecer a Autobiografia em seus retratos coisificados.



Dos meus contornos teórico-metodológico e minhas (in)completudes

A maior riqueza de um homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Manoel de Barros (2022, p. 39)

O convite das pesquisadoras para que eu pudesse falar sobre mim, nesse ponto mais especificamente, sobre meus contornos teórico-metodológicos dos processos investigativos em que eu exerço uma atuação é sempre desafiante. Digo isto por ser tão próximo do meu dia a dia que posso criar e contar aqui contornos com traços muito definidos e, assim, fico a me perguntar: Como me retratar frente a tantas ideias que me contornam e outras que me fixam em uma tela emoldurada? Entre tantas molduras como me faço e refaço, me autorizo e desautorizo percorrendo contornos nítidos e tantos outros borrados?

É em meio a maior riqueza do homem, dito por Manoel de Barros, que trago contornos teórico-metodológicos incompletos. Mas, diante das possíveis existências que tenho vivido, posso pintar um autorretrato, neste momento, mesmo que provisoriamente. Ao deparar-me comigo como perspectiva investigativa encontrei muitos trabalhos de variadas áreas de conhecimentos. Na busca pelas pesquisas no campo da formação docente pude perceber que a Pesquisa (Auto) biográfica no campo da educação vem se constituindo por diversos movimentos, desde o início dos anos de 1990, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Alguns desses grupos de pesquisas me veem numa propositura que irei, nesse momento, denominar-me como Pesquisa Autobiográfica Clássica, mas também, temos outros pesquisadores que saem das palavras aceitáveis daquela ordenação e chamam-me de Pesquisa Autobiográfica pela Invenção de Si.

Nessa perspectiva, a pesquisa autobiográfica clássica surge como uma nova metodologia tanto para as Ciências Humanas, quanto para as Sociais. Nos últimos anos pesquisadores, tanto no cenário nacional (Souza, Abrahão, 2006; Nacarato, 2008; Cunha, 2009; Galvão, 2005) quanto no internacional (Connelly, Clandinin, 1995, 2000) têm se apropriado de narrativas de diferentes formas. Pois, no âmbito da pesquisa autobiográfica, autores como: Brito (2007); Bueno (2002); Bueno et al (2006); Chené (1988); Ferrarotti (1988); Galvão (2005); Josso (2007, 2004); Pineau (2006); Reis (2008); Souza (2006a, 2006b) entre outros, compreendem uma orientação



teórico-metodológica sob a qual vem se desenvolvendo um método de investigação bastante fértil no campo da educação, e conseqüentemente, na Educação em Ciências, campo em que as pesquisadoras atuam.

Nesse contexto clássico, as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vêm sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. Trata-se de uma tendência contemporânea, mas que, ao longo dos últimos trinta anos, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, configurando-se como um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico. Este estatuto tem como propósito de conhecer-se, “Tomar consciência das instâncias e processos formativos que constituíram sua identidade” (Chaves, 2006, p. 166).

Na busca de contornos bem delineados em suas linhas teóricas-metodológicas apresentadas pelos autores da perspectiva Clássica são alimentadas por uma tradição hermenêutica de Dilthey, Gadamer, Ricoeur e fenomenológica – Hegel, Heidegger, Berger, Luckmann, Schapp, Schütz. Pois, a pesquisa autobiográfica estabelece uma reflexão sobre a ação e o pensar humano mediante a singularidade e “a integração da experiência que advém na temporalidade e na historicidade” (Delory-momberger, 2012, p. 525). Dessa forma, a identidade e sua visão essencialista para o autoconhecer-se é preponderante para a compreensão de si na relação tempo/espaço movimentando-a na busca do desvelamento de um professor(a) que se é ou deveria ser.

Na contramão da ideia de uma Pesquisa Autobiográfica Clássica, da tomada de consciência, existo, também, por uma outra via chamada Invenção de Si. E foi, juntamente com as professoras pesquisadoras, ao ser convidada a participar de uma disciplina no curso de Mestrado em Educação em Ciências, intitulada “Narrativas Autobiográficas na formação de professores em Ciências e Matemática”, na qual percorri por pistas sobre ideias que tinham de mim (Autobiografia).

Figura 01 – Tela retratando o início da experimentação “Trilhar o Si”



FONTE: Autoria própria, 2022.

Foi nesse projeto experimental proposto por elas, que me chamaram de “Trilhar o Si”, e levaram a todos para um movimentar de ideias e corpos. Trilhar é deslocar o corpo de um lugar-partida e peregrinar em um caminho desconhecido em busca de um outro lugar-chegada provisório, pois quem trilha está em constante movimento descontínuo com travessias novas de um corpo-mente. A proposta de trilhar o Si foi planejada com o intuito de sair das ideias preexistentes sobre minha pessoa, do lugar que o corpo ocupa normalmente em aulas de pós-graduação e de chegar em outras que poderiam surgir pelos deslocamentos, fissuras e borrões constituídos ao longo da trilha. Em meio aos espaços diversos que em cada aula eram levados seus corpos-mente, perguntavam-me: O que se traz para trilhar o Si? Que posições de sujeitos ocupamos em inúmeros discursos que cruzam a nossa trajetória pessoal-profissional? “Tempos e espaços, que podem se aliar, mas também podem ser contraditórios, conflitantes entre si” (Chaves, 2018, p. 58). Posicionando-me a partir da ideia não essencialista, mas sim, de uma linguagem que constitui uma posição de sujeito historicamente, tomo partido de uma “ordem epistemológica, cuja questão crucial está no rompimento do paradigma da representação, o qual anuncia ser provisório qualquer tentativa de reconstituir o passado e/ou de apreender o real” (Fischer, 1997, p. 09). Portanto, na disciplina trilhei com os mestrandos e pesquisadores da área a ideia de experimentar fazer três trilhas para contornar os aspectos teórico-metodológico da pesquisa autobiográfica pelo viés foucaultiano. Vi o espanto estampado no rosto de todos aqueles que escutaram a ideia no primeiro dia de aula, mas todos me acompanharam pela trilha da Subjetividade, onde fizemos uma



caminhada da Consciência à Invenção de Si, depois apertamos os passos e percorremos a trilha dos desvios – do experimentando-se à Invenção de Si, e por último e o mais longo, o Trilhar o Si – da (re)existência à escrituras de Si.

Nas trilhas realizadas tivemos dias mais intensos com subidas nas ideias em busca de contornos mais fixadores e outros dias mais leves com a posição de sujeitos que se autorizam a usarem-me para inventar outros modos de existir em registros investigativos. Com coragem, tomaram corpo-escritura, sendo abastados de incompletude e estranhando palavras que me aceitam como sou, como já dizia Manoel de Barros, e por ele não aceitas, bem como por mim, deixaram-se fluir em modos de escrituras de Si, ao invés, de uma escrita essencialista e confessional. Essas autorizações foram aos poucos permitidas ao passo que se ia borrando alguns contornos com texturas enrijecidos de cientificidade, de verdade, de narrativa, do Eu, de Sujeito e Subjetividade, de história, de tempo, de consciência, de corpo, de Arte, de autoconstituição/autoformação.

Ir de encontro de um estatuto com princípios de como narrar-se, com certas convenções de uma ciência estruturante por uma consciência e um modo certo de se fazer pesquisa na área educacional é algo conflituoso, instigante e libertador. Deslocar o corpo para um estacionamento foi a primeira opção que se fez para que fosse possível olhar com outras lentes as ideias sobre Subjetividade e Sujeito. E foi a partir deste deslocamento inicial que o desmonte começou acontecendo. Suspiros, corpos esvaziados, pensamentos filosóficos que em meio ao vazio buscam um centro consciencial, um Eu - sujeito moderno voltado para si mesmo como agente nuclear do conhecimento.

Neste cenário moderno, pressuposto da perspectiva investigativa autobiográfica clássica, a subjetividade é entendida com a essência, a propriedade, a qualidade e o estado daquilo que pertence ao sujeito (Abbagnano, 1998). O sujeito é entendido como centro do conhecimento, garantindo a unidade, a identidade permanente do saber. Então, a consciência que se põe como centro do conhecimento da realidade, e este Eu, como sede de todas as certezas. Nietzsche faz uma crítica radical ao sujeito moderno, questionando a base unitária do Eu como consciência estável do ato de conhecer, bem como a linha que pode distinguir a verdade do erro, o real do irreal, o verdadeiro do falso (Onate, 2000). Assim, “a consciência é um território do corpo inteiro e não de um núcleo pertencente ao Eu pensante, como unidade” (Brito, 2016, p. 183).



Essas ideias de rompimento e con(tra)venções supostas pela clássica, compõem o cenário pós-moderno, cerne da perspectiva investigativa autobiográfica pela invenção de si. Neste lugar se tem a linguagem como papel central na efetiva e materialização das coisas, pois entende-se que somos seres de linguagem/discursivos. Este cenário se configura com a virada linguística, na qual a linguagem passa a ser entendida não apenas como algo que narra, descreve ou interpreta o mundo, mas como constituindo práticas e identidades sociais (Popkewitz, 2000).

Inspiradas pela perspectiva foucaultiana, assumo neste cenário que:

A história não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-las; ela não pretende demarcar o território único de onde viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam (Foucault, 2008, p. 34).

Partindo dessa ideia de história, pautada na descontinuidade e não linearidade, entendo memória como uma maneira de ordenar o passado e pela “história efetiva” (*Ibidem*, 2008, p. 35) de abdicar dos regimes de verdades instituídos de uma docência e sua formação, para assim, atribuir-lhe sentidos outros. Neste ponto, contornos de abortamentos de binarismos, de fixações, de linearidades e continuidades são grandes borrões que se fazem necessários para compor um autorretrato por contornos teórico-metodológicos que experimente um pouco de tudo que multiplica e potencializa a escrita viva. Desse modo, longe de submeter-me há princípios e caminhos já fixados, essa escrita viva se configura como um pensar autobiográfico como espaço/tempo de inventar-se, dar vida a uma “escritura criação que flerta com as artistagens do mundo contemporâneo” (Chaves, 2016, p. 146).

Dos meus contornos éticos e coisas que não quero ser

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc...
Manoel de Barros (2022, p. 39)*

É a partir dessa declaração manoelina, acrescentada à minha existência enquanto uma disciplina num curso de pós-graduação no viés pós-crítico, que contorno os meus limites de ser uma pesquisa autobiográfica no viés inventivo de si. Ao escolher as ferramentas dentro desse viés, especialmente as foucaultianas, não levo junto um manual de uso delas para o trabalho, mas levo as discussões, os cortes, os desvios, os não ditos, as diversas caracterizações, as dissoluções, as



instabilidades, “colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fendas com que torcemos nossas ideias” (Veiga-neto, 2006, p. 84).

Do meu encontro com a invenção de si, aprendi que me alinhar a ela não é simplesmente citar os autores, fazer referência, incorporar as problematizações, seus termos e tentar defini-los, ainda que tenha tentado por diversas vezes fazer meu próprio “vocabulário pós-crítico”. Assim como Manoel de Barros, os autores que compõem essa perspectiva também não aguentam ser os filósofos que apenas explicam o funcionamento das coisas, os professores que ensinam as teorias ou os intelectuais que apresentam seu ponto de vista.

Este meu encontro e aprofundamento me possibilitou usar as ferramentas que fertilizam e proliferam a todo momento os estudos e problematizações da pesquisa, neste caso, a pesquisa autobiográfica na perspectiva inventiva de si que vos fala. Aproximo-me aqui ainda mais das discussões foucaultianas sobre ética e moral, atravessando outros como a subjetividade. Essas questões foram fundamentais para criar turbulências nos (des)caminhos da minha existência, que aqui descrita parece ter acontecido de forma linear e tranquila. Porém o sentimento sempre foi, e permanece sendo, de luta, de estudo, de esvaziar-se para em seguida preencher-se de outras ideias. Larrosa (2002, p. 19) detalha bem essa sensação:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, [...] abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Desse modo, é sempre dado uma nova partida para outros encadeamentos de pesquisa, buscando confrontar e olhar para a positividade do corpus dos quais se ocupam. O olhar para si significou trazer-me para a arena das lutas que se travam dentro do campo da educação para expor as estratégias por meio das quais se (re)constroem os modos de dizer um suposto jeito certo de se fazer pesquisa. É como fala Wunder (2008, p. 121):

pensar num olhar que passa pelos mesmos lugares, paisagens, pessoas dia após dia. Nossos olhares em constante trânsito, miradas em contínuo escape por imagens que não param. Cenas que trazem a força poética que há nessas imagens comuns, onde aparentemente nada acontece. Um convite a pensar nas diferenças que se criam na repetição de imagens comuns. A diferença – acontecimento que se faz pelo banal.



É dentro dessas imagens comuns, na feitura de um autorretrato meu, que problematizo a ideia de ética, tão repetida em nossas pesquisas que parece que já sabemos do que se trata, algo dado, padronizado... Pois bem, ao olhar para as (des)continuidades históricas, o próprio Foucault nos explica algumas ideias sobre a ela:

Há [...] alguma coisa profundamente ligada à nossa modernidade; afora as morais religiosas, o Ocidente só conheceu, sem dúvida, duas formas de ética: a antiga (sob a forma do estoicismo ou do epicurismo) articulava-se com a ordem do mundo e, descobrindo sua lei, podia deduzir o princípio de uma sabedoria ou uma concepção da cidade: mesmo o pensamento político do século XVIII pertence ainda a essa forma geral; a moderna, em contrapartida, não formula nenhuma moral, na medida em que todo imperativo está alojado no interior do pensamento e de seu movimento para captar o impensado. [...] Para o pensamento moderno, não há moral possível; pois, desde o século XIX, o pensamento já ‘saiu’ de si mesmo em seu ser próprio, não é mais teoria; desde que ele pensa, fere ou reconcilia, aproxima ou afasta, rompe, dissocia, ata ou reata, não pode impedir-se de liberar e de submeter. Antes mesmo de prescrever, de esforçar um futuro, de dizer o que é preciso fazer, antes mesmo de exortar ou somente alertar, o pensamento, no nível de sua existência, desde sua forma mais matinal, é, em si mesmo, uma ação – um ato perigoso (Foucault, 1992, p. 338).

Ao se aproximar dessas duas ideias de ética, posso afirmar que ambas estão pautadas no estabelecimento de condutas regradas, além de procurar estabelecer parâmetros do que é certo e errado. No primeiro caso, entre os estóicos e epicuristas, os princípios éticos eram articulados a partir de uma referência constituída pela ordem da natureza. No segundo caso, a partir de Kant, a base são os processos de objetivação e universalização, ou seja, o próprio sujeito racional elabora e institui máximas subjetivas que buscam uma condução moral. Em ambos, prevalece a normalização/normatização de condutas ditas possíveis, aceitáveis e até esperadas, que compõem um código moral, pertencentes a uma história dos comportamentos ou das representações. Estas se ocupam das formas tomadas pelos efetivos comportamentos dos indivíduos/grupos, assim como as ideias que fazem sobre si mesmos e desses comportamentos.

É necessário partir das formas de subjetivação, pois o convite aqui é olhar para as formas de subjetivação moral e para as práticas de si que destinam a assegurá-las. Dito de outro modo, posso afirmar que na perspectiva foucaultiana o objetivo da distinção entre moral e ética não é para colocar a primeira como lócus do exercício da justiça e, por consequência, a segunda, aos questionamentos de como seria o melhor modo de viver. Nesse contorno, entendo que a ética é



um aspecto da moral, aquele concernente à própria subjetivação, “à qual se liga uma ascética, as práticas através das quais se dá esse processo de subjetivação. A ética não se confunde com o código moral porque diz respeito ao modo como o indivíduo é levado a reconhecer-se como sujeito de ações conformes ao mesmo” (Barbosa, 2008, p. 22).

Ao abandonar minhas visões mais tradicionais, foi possível entender a ética como parte da moral, assim como os comportamentos de cada pessoa e os códigos que permeiam as ações e pensamentos e que também podem atribuir valores, sejam eles ditos positivos ou negativos, a distintos comportamentos dentro do âmbito da moral. Posso afirmar que há um deslocamento de uma ideia mais clássica que afirma que a ética seria “o ‘estudo dos juízos morais referentes à conduta humana’ para ética como o modo ‘como o indivíduo se constitui a si mesmo como um sujeito moral de suas próprias ações’, ou, em outras palavras, a ética como “a relação de si para consigo” (Veiga-Neto, 2014).

Dentro dos estudos foucaultianos, posso afirmar que o sujeito é o produto dos três domínios: as práticas discursivas, as práticas de dominação e as práticas de si. A constituição do sujeito se dá pela atuação simultaneamente dessas práticas. Nesse sentido,

[...] a ética – a saber, essa relação de si para consigo mesmo, ou seja, como cada um vê a si mesmo – atua num ocupar-se de si, num estranhamento daquilo que nos captura e nos ensina supostas verdades, mas que principalmente nos possibilita pensar de outros modos, reinventar-se a si mesmo (Veiga-Neto, 2014, p. 8).

A este ponto, você pode estar se perguntando: como essa perspectiva de olhar a ética se desdobra nas pesquisas? É possível que um ocupar-se de si seja parâmetro para a realização de pesquisas? Como encaixotar essa ideia para caber naquilo que nomeamos de comitê de ética? Como desenvolver dissertações e teses sem as fronteiras do certo e errado, daquilo que pode ou não pode nas pesquisas com pessoas?

Vale destacar que não tenho a pretensão de inaugurar tendências ou substituir algumas recomendações por outras. As convicções que defendo e que me constituem, são provisórias e radicalmente históricas. Trago novamente a minha existência dentro da disciplina: Narrativas (auto)biográficas na formação de professores em Ciências e Matemática, na tentativa de discutir algumas dessas indagações, já que foi nessa posição que procurei mostrar que uma pesquisa que se ocupa de si não busca a objetividade ou a verdade, mas sim identificar as condições de



possibilidade/existência para que determinada narrativa possa emergir enquanto discurso. A imagem abaixo foi feita no dia em que visitamos o MUSA.

Figura 02 – (Auto)Retrato da Autobiografia e seus contornos



FONTE: Autoria própria, 2022.

Esta visita estava dentro da segunda unidade da disciplina, intitulada TRILHA DO(S) DESVIO(S): Do Experimentando-se à Invenção de Si e a aula foi nomeada como TRILHARTE-SE. O meu convite consistia em andar pelas trilhas e em paradas aleatórias, conversar sobre excertos do livro cadernos de notas 5: oficinas de escrituras. A experimentação consistia em (des)locar nossas ideias ao mesmo tempo que o corpo caminhava, mostrando que dependendo do referencial teórico-metodológico que se assume, também tomamos os modos de fazer pesquisa.

Conforme venho falando, a ética, entendida como esse ocupar-se consigo mesmo, possibilita problematizar que as ideias que nos constituem numa posição são supostas verdades que estão dispersas em diversas materialidades que nos capturam e nos ensinam a enxergar a pesquisa de certo modo. Ao olhar para a fotografia, num primeiro momento, pode nos ocorrer a ideia de uma ética que paralisa, que demarca as fronteiras de uma moralidade e, conseqüentemente, das permissões e proibições possíveis quando se é pesquisador.

Entretanto, ao olhar de forma múltipla e enviesada, podemos tomar as raízes como as próprias existências que estão emaranhadas numa rede discursiva na qual o ocupar-se consigo mesmo possibilita afirmar que a própria linguagem é que constitui a realidade. Quando me ocupo de mim



mesmo, identifico que aquilo que trago sobre mim, sobre a vida, sobre o meu pesquisar, são frutos de práticas discursivas, históricas, porque contingentes.

Então, é possível apontar as regras que governam e produzem as práticas discursivas, identificando o que Foucault denomina de formações discursivas, as quais

[...] não tem o mesmo modelo de historicidade que o curso da consciência ou a linearidade da linguagem. O discurso, [...] não é uma presença que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão (Foucault, 2008, p. 193).

Dessa forma, as falas, as crenças, as ideias que trago ao falar de mim mesma, também são entendidas e interpretadas de forma diferentes, dito de outro modo, concebendo-as enquanto discursos. Ou seja, assumir o pressuposto de que com palavras se faz. Sendo assim, a ética não nos remete a filtrar aquilo que se diz quando uma suposta essência vem à tona, ou aquilo que estava escondido vem à luz. A ética foucaultina nos remete a uma posição, que pode ser ocupada por indivíduos variados e ao ocupar-se de si podemos desmontar as ditas verdades que estão presentes nessa posição.

De meus contornos estéticos e borboletamentos

*Eu penso renovar o homem usando as borboletas.
Manoel de Barros (2022, p.39)*

Ética... Estética... Homem... Ciência... Perdoai! Chamo-me Autobiografia e venho trilhando-me em (des)caminhos!

Ah! Manoel de Barros!!! Ao falar de estética, como não lembrar de ti? Tu que mais que outros trouxeste o criancimento ao ato de escrever, poetizaste a infância, revolucionaste a linguagem e as palavras em sua escrita literária poética. E porque não dizer, do levante de poéticas outras, filosofias outras? Estética da existência é o que viveste, deixaste vivo em teus escritos e me fazes (re)viver-me enquanto Autobiografia. Tu me lembras a cada traço de viver a vida como obra de arte (Foucault, 2010), como um artista apaixonado (Nietzsche, 2001).

Nossa relação de amizade é de longa data e ainda hoje nossos laços seguem fortes nesse acontecimento que é a vida da/em pesquisa, nesse exercício de ser Outros e de lançar-me em mim mesma, de viver-me. Ao passo que penso: De que modos nos (des)constituímos em contornos



estéticos, em ser Outros em meio a toda essa estruturação por vezes restrita a processos metódicos de investigação?

Em meu lugar numa dada Ciência “Moderna” aperto-me em estreitas linhas de produção acadêmico-científica, num paradigma entre a extrema valorização do método e vivente numa “teoria dos venenos” (Nietzsche, 2001, p. 113), restrita e disciplinante, isolada. Esse é o jeito certo de fazer pesquisa?

Em minha escolha com as ferramentas foucaultianas, deparo-me com Nietzsche e ambos juntamente com Manoel de Barros ajudam-me a (re)pensar sobre questões estéticas.

Assim, em Gaia Ciência ou, em algumas traduções, a Sabedoria Alegre de Nietzsche, nos diz de uma ciência que se transmuta em uma paixão pelo conhecimento e esta mesma ciência é a própria finalidade da existência. Tal qual um artista apaixonado.

É desta Ciência que parto, (re)desenho-me melhor em uma imagem outra da cientificidade na qual a criação é brecha, a Ciência é alegre, vivente nesse encontro entre arte e sabedoria, visto que:

não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa para nós, transformar continuamente em luz e flana tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge (*Ibidem*, 2001, p. 13).

Contudo, não vou me deter em comparações entre as perspectivas de pesquisa e Ciência no mundo, mas dizer de mim, do que me percebo em meus contornos estéticos.

Em meu viver, mostro-me em caminho, em deslocamento de uma ideia de ética atrelada a juízos morais da conduta humana à de uma ética em modos de constituição de si como sujeito moral, numa relação de si consigo, partindo de modos de subjetivação.

Então, começando esse borboletamento com Nietzsche (2001), reverberam-me alguns de seus enunciados:

- Espírito Livre: aquele que busca na ciência apoio para o questionamento de valores prefixados, aproveitando o próprio método científico e elaborando um experimento em si mesmo;
- Experimentação: essa é compreendida como o alicerce do conhecimento no qual o laboratório é nosso próprio corpo, o si, o ser humano é em si um grande experimentador e não animais fixados, prontos, determinados;



- Grande Saúde: significa tornar-se o que se é, ser capaz de “desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia, uma experimentação.” (Dias, 2011, p. 130);
- Vida como obra de arte: é a arte de se criar a si mesmo, embelezar a vida. “Embelezar a vida é sair da posição de criatura contemplativa e adquirir os hábitos e os atributos de criador, ser artista de sua própria existência” (Dias, 2011, p. 110).

Esses enunciados colaboram com uma compreensão sobre estética. Nela reside um caminho do ser humano em resposta ao niilismo passivo que nos aprisiona numa ausência de sentido e a um instinto de rebanho, calcado numa presença humana submissa aos valores dominantes Nietzsche (2001).

A estética da existência nietzschiana nos clarifica numa intenção de alinhamento entre ciência e arte, onde no sujeito coexistem impulsos antagônicos nos aspectos apolíneo e dionísico, manifestos pelo sonho e embriaguez como condições de produção artística, em estado de criação (Dias, 2011). E de mesmo modo, a coletividade se faz presente em sua estética, já que “podemos defini-la como uma ética da experimentação, ou melhor, como uma “ética do exemplo””. (*Ibidem*, 2011, p. 140).

Assim, “precisamos de uma arte, é de uma *outra* arte – uma ligeira, zombeteira, divinamente imperturbada, divinamente artificial que como uma clara chama lampeje num céu limpo!” (Nietzsche, 2001, p. 14). Com esse lampejo em céu limpo, pensar no artístico em meio aos contornos estéticos requisita lembrarmos que a arte é uma coisa, é produzida sem objetivo específico, não serve a demanda externa, ela surge do e pelo próprio artista.

E trazemos Dias para fortalecer que a “A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único” (2011, p. 13). Com tal elemento artístico do desejo, a existência é afirmada em sua beleza, é (re)colocada como componente da vida, abrindo ao ser humano a necessidade de criar-se a si mesmo em sua singularidade. (Re)criando-se em felicidade, com espírito livre e grande saúde.

Foucault também me traz alinhavos em meus contornos estéticos, essencialmente em sua última fase de pensamento quando discute sobre a estética da existência e o cuidado de si. Apoiado em escritos da Antiguidade Grega, nos relembra que havia uma preocupação moral em relação à essa questão, numa relação entre sujeitos e artes, na qual os sujeitos precisavam exercer domínio sobre



si mesmos. Essa moral na Antiguidade era considerada um “esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo” (Foucault, 2006, p. 290).

O interesse de Foucault nessa estética grega se dá pela observação de perceber a “sua própria vida como uma obra de arte pessoal” (2006, p. 290), além de uma inquietação com o trânsito percorrido entre a Antiguidade e o Cristianismo, onde a moral habitou-se enquanto busca de uma ética pessoal e se estabeleceu posteriormente em uma obediência dogmática. Diante disso, viu-se nesse retorno aos primeiros séculos à cultura greco-romana uma potência em seus estudos sobre relações do sujeito, verdade e experiência.

Assim surgem seus escritos e aulas sobre o cuidado de si nos últimos anos de sua vida e nos apresenta essa ferramenta como uma possibilidade para o presente. Foucault discute o cuidado de si partindo dos ensinamentos socráticos aqui simbolizados por sua comparação com o tãvão: “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (Foucault, 2010, p. 09).

Esse agulhão nos movimenta, nos agita e reverbera em existir e nos atenta a essa ferramenta peregrina em certas ideias: Em primeiro que se precisa cuidar de si para cuidar do outro numa finalidade política de governar; em segundo que o cuidado de si não é válido apenas para um determinado em uma fase da vida, mas se estende por toda ela, “é uma regra coextensiva à vida” (*Ibidem*, 2010, p. 221); e, por fim, não mais se localiza num *status* da sociedade. Foucault (2010) ainda destaca no decorrer de sua obra que o cuidado de si se liga à ruptura de si para consigo (fuga, retiro, recuo, escape), trata-se de libertação.

Dessa maneira, o cuidado de si, se insere na história do pensamento como a maneira de se construir uma subjetividade, de dar conta de sua própria conduta, numa postura ética e autônoma de controle sobre si e as exterioridades. Instituído-se como potência de um sujeito convertido a si e escapista de si e nessa renúncia de si gera e modera seus afetos e adquire um modo de vida diferente daqueles que vivem escravos de seus prazeres ou em técnicas de dominação. É potência. Como diz Sêneca em uma de suas cartas a Lúcio “Não me contento em corrigir-me, tenho a



impressão de que estou me transfigurando (*transfigurari*)” (*Ibidem*, 2010, p. 191), cuidar de si é metamorfose.

Entretanto, parece-nos estarmos sempre retornando a ideia de ética, mas o que é a estética em Foucault senão uma materialidade da ética? *Transfigurari*! A estética da existência se (re)configura em uma produção inventiva de si, em subjetivação, numa mobilização contra as normalizações e das estratégias de governo, de assujeitamento. A ética é uma estética de dentro e se constitui em um dos modos de libertação, em obra de si mesmo, que traz o sujeito para posição de artista de si.

Viver a vida como uma obra de arte é ter o próprio sujeito como artista de si na irrupção com outras obras de arte compondo-se e apoiando-se em uma ética de criação do viver de acordo com o sujeito do desejo (Foucault, 2006). E expondo as questões da ética foucaultiana quanto ao cuidado de si chegamos no lugar da vida como uma obra de arte e esta é a própria estética da existência, despende em borboletamento.

Assim, numa vivência escrita de meus contornos estéticos reestruturo-me em escritura de mim num prosseguimento de um texto-arte em experimentação em composições de imagens, palavras e pensamentos de uma história efetiva. Tal como o próprio Foucault (2010) vincula a escrita à questão da estética da existência, em modos de subjetivar-se e libertação de esquemas de saber-poder, nossa própria escrita diz (ou tenta), também, de contornos estéticos autobiográficos. Nos caminhos percorridos no “Trilhar o si”, vivo e (re)vivo este corpo autobiográfico, sigo tentante. Esse trilhar não era apenas para meus convidados, era sim, principal e essencialmente para mim, para minha constituição de mim em mim mesma, na trilha de uma estética de minha existência. Em trilhas de minhas cores e retratos.

Esse trilhar-me, autobiografar, será interpretar-me? “INTERPRETAÇÃO. Se me explico, me implico: Não posso a mim mesmo interpretar. Mas quem seguir sempre o seu próprio caminho. Minha imagem a uma luz mais clara também levará” (Nietzsche, 2001, p. 27). Interpretar-me, não pretendo! Apenas vivo! Encorajo, encorajo-me a trilhar, trilho-me, trilham-me! E “os jardins se borboletam” (Barros, 2002, p. 13).

Ser Autobiografia e ser Borboleta, que retrato(s) constituo de mim? Em criação deste retrato, retomo o trilhar o Si da disciplina “Narrativas (Auto) Biográficas na Formação de Professores em



Ciências e Matemática”, retrato de uma estética da existência em Autobiografias quando coisa. Experienciamos e convidamos a experienciar por estas cintilações do vivido:

Convite aos trilheiros. Começando a trilha autobiografia(s). Espantos! Olhos arregalados, mãos e pés inquietos, pernas balançando... O corpo fala! Pergunto: O que trazem para trilhar o Si? Um calçado adequado e às vezes precisamos pisar com pés descalços. Mochila. Lanterna, se caminharmos a noite. Boné ou chapéu para proteger do sol, protetor solar, sabemos, ainda, que sentir o sol é importante. Percorremos as ilhas. Sol! Muito Sol! O que fazemos neste estacionamento? “E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico” (Lispector, 1995, p. 29). Assumimos uma coragem de viver (Nietzsche, 2001).

Trilha da subjetividade. Indagações! Mãos suadas, canetas batendo nas carteiras, barulhos de vai e vem de páginas impressas... O corpo não disfarça seus sentimentos... Pergunto: O que conhecemos de pesquisa narrativa? Reconhecimento da pesquisa narrativa clássica. Ou tradicional. Consciência de si. Pesquisa narrativa e autobiográfica. Diários de aula e escritas narrativas. Tomada de consciência! Escrever em primeira pessoa! Pode? Cabe na pesquisa falar nessa flexão verbal? Pensar, pensar e pensar! O que sei sobre mim? Para onde caminho? Risos nervosos! A reminiscência já não me responde! Dúvidas, dúvidas, dúvidas! Talvez seja isso, não saber? Invenção de si!!! Falamos, então de uma estética da vida, clamando em ser Outros, falamos de borboletamento. “É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal” (Foucault, 2010, p. 221).

Trilha(s) do(s) desvio(s). O que ainda vem por aí? Perguntam-se meus trilheiros. Autoconstituição de si! Olhos se cruzam na sala de aula. Experimentar-se na pesquisa, em mim, Autobiografia. Consigo isso? Mais dúvidas! Apresento outros como nós – grupos de pesquisa. Escrita de si. Narrarte. (De)Formação! Sigamos! MUSA: areia, chão, vento, sombra e Sol. Galhos, folhas verdes e secas, raízes no caminho, sementes e vagens. Desafio de ser semente! (Chaves, 2016). Experimentação de si. (Re)Invenção de si... Fugas, desvios, criação! Experimentando-me,



metamorfoseando-me, borboletando. “Sem a experiência nunca teremos o conhecimento pleno” (Biscoito da sorte).

Ao término dessas experimentações, muito sentimos no corpo, eu e os trilheiros, percorremos estes desvios em estudos sobre e na pesquisa autobiográfica nos mobilizando a sair de nós mesmos e reencontramos ou mesmo (re)criamos modos outros de existir. Trilhamos o si! Em atos inaugurais, em experimentações, trouxemos à tona as subjetividades e nos objetificamos em pedras no caminho, (des)folhamento, brotos, folhas secas, conchas, vagens, entre outros. Demos (re)existência em mim, autobiografia. Desbravamos nossas trilhas à escritura de si. Problematicamos nossa posição na pesquisa em educação. Trilhamos desaprendimentos.

Na trilha realizada no MUSA, captamos imagens, numa expressão de vidas incorpóreas onde “mover um olhar perspectivado para experimentar-se em diferentes situações, voltar uma atenção para si, estabelecer conversação consigo mesmo. Nesse movimento exploratório, problematiza-se o enunciar sem palavras que só é possível pela imagem” (Chaves, 2016, p. 149). E esta linguagem imagética que segue nos trouxe uma representação de meus contornos estéticos:

Figura 03 – (Auto)Retrato da Autobiografia em trilhas herbais.



FONTE: Autoria própria, 2022.



Assim, a estética da existência é pedaço de tronco ao chão da floresta, que em meio às folhas secas e caídas, desponta em limo, brotos de novas plantas, novos galhos... torna-se Vida. Tem cheiro de marrom e cor de verde molhado.

Um corpo-tronco morto, uma não-árvore, não-sombra, não-recanto de passarinhos, podia ser lenha, carvão, escora, um giral... Hoje, abriga vida(s). Tons de marrom e verde se misturam.

Folhas secas caem das copas das árvores, permeiam o chão arenoso da Floresta Amazônica, contornam o tronco e se tornam em cor de fertilidade.

Em seus aspectos estéticos, o tronco produz-se em novo tronco, (re)cria uma relação consigo mesmo e permite-se viver através de seus novos entes, na realidade. Não é apenas um tronco seco, não se conteve nesse assujeitamento, é cheiro de amor, em bordas de verdes, saiu da verticalidade para a horizontalidade, numa estética de si. Criou-se em outra imagem.

Em meus contornos estéticos, experimento a estética da existência e tomo a mim mesma como objeto dentro de minha(s) complexidade(s) no hoje. Crio e recrio estes lugares estéticos autobiográficos numa ideia de fazer-me em obra de arte.

Criar, criar-se é uma prática de todo dia. Nada se cria em definitivo. A vida se recria todos os dias, nós é que temos ânsias de eternidades e deliberadamente taxidermizamos a vida. No afã de documentá-la, transformamo-la em fóssil. Mas, quando isso acontece, já deixou de ser vida e não é mais possível vivê-la. Penso que o conhecimento é como a vida, só vale a pena se puder ser reinventado (Chaves, 2016, p. 149).

Tal como Chaves, creio na reinvenção e escrevo-me nesta estética da existência, trilho-me desbravando outras rotas na pesquisa autobiográfica, sabendo que o “amor à vida ainda é possível – apenas se ama diferente” (Nietzsche, 2001, p. 13) e levando a vida como uma obra de arte (Foucault, 2010).

Entretanto, estou a dizer de meus desenhos éticos ou estéticos, ao ler parecem-me idênticos, tão próximos. Destaco que as fronteiras éticas em minhas linhas de subjetivação autobiográficas (re)existem e resistem segundo meus contornos estéticos (des)constituídos em minha(s) arte(s) de viver.

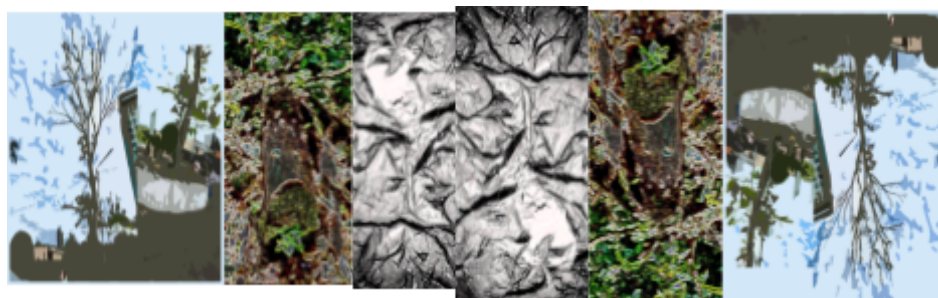
Findo-me nestes borrados estéticos manoelinos, nietzscheanos e foucaultianos na diferença e em experimentações trilheiras e poéticas, (re)criando um auto-retrato artístico de quando coisa. E quando coisa, busco outras trilhas, brechas e desvios de convenções da civilização, de critérios universais condicionantes e limitantes dos atos de criação, dos atos de vida, de artistagens.



Digo-me, agora, uma Autobiografia em trilha(s), com desejo em ser Outras, em revoada de borboletas, metamorfoseando em uma(s) estética(s) de mim. Sigo borboletando em incompletudes! Coisificando-me! Amanhã? Não sei! É vida! É vir a ser!

Contornos de um até logo

Figura 04 – Retrato da Autobiografia enquanto coisa em contornos pós-críticos



O que estão pensando sobre mim? Quais foram suas expectativas? Aguardavam minha existência pelo viés tradicional de discussão, tomando meu corpo epistemológico para tomarem consciência? Ou será que me autorizam mostrar-me pelo o que fui e sou produzida para inventar-me de outros modos?

Retrato-me pelas vias múltiplas do que sou e por isso apresentei-me por contornos que faço ao pintar. Contornar por linhas difusas, extremidades que brilham e recortes do que me produzem é dialogar com perspectivas que rompem com a linearidade, pragmatismo, fixações de se fazer e pensar processos investigativos na Educação. Assim me vejo, em efeitos de recorte, de extremidades brilhantes e muitos rabiscos de lápis, sempre com propensão de esfumaçar-me e de borrar ideias que ouse me fixar em uma perspectiva única. Como mostra meu autorretrato (Figura 4), posições móveis e múltiplas formam alguns dos possíveis contornos que me caracterizam.

Que contornos serão esses? Considerando possíveis epistemologias que saem do lugar pós-crítica? O que trarão para contornar o si? O que terá nessas mãos que pintam retratos outros de si? Apenas kit de pincéis ditos acadêmicos ou todo um arcabouço teórico, poético, ético e estético sobre o que é ser professor, pesquisador em meio a vida e suas produções na relação saber-poder? Para esse autorretrato tive que ter alguns pincéis especiais da poesia, literatura e da filosofia da diferença, Manoel de Barros foi o pincel mestre e Clarice não poderia faltar. Assim, teremos que



seguir em frente e ver o que fazem com todo esse Si inventivo produzido em nós, será que capturei você?

Outro aspecto importante ao contornar na pintura é usar muitos desvios e é preciso avisá-los para usarem uma estrutura mais flexível das ideias para que no contorno com os desvios, principalmente nas bordas, possa ser utilizado o efeito da Invenção de Si. Mexer com outras possibilidades autoconstitutivas do Si no professorar e no pesquisar balançará as estruturas da vida, não tem como fugir disso. Já dizia Guimarães Rosa (1976, p.52) “Quem elegeu a busca não poderá recusar a travessia”, bem isso quando se começa a usar o “Des”, é o contorno mais perigoso para ideias fixas, rígidas e controladas. Mas, com muito cuidado se entra no caos das ideias para abrir brechas na rigidez instituída por modos de existências que não dão o exercício necessário para a mão conseguir contornar outros modos de pintar e percorrer outros movimentos desviantes da/na VIDA.

Talvez a sensação que vocês tenham é de vazio: cadê minhas ideias sobre “identidade docente”, sobre ser “um bom professor”. Quando se tira tudo, o que fica? A essência? As verdades? As respostas? Respondo com um sonoro NÃO que ecoa floresta adentro! Fica a inventividade. Minhas linhas são fabricadas de modo borrado, fronteiroço, desviante... Muito louco isso. Mas veremos muitos loucos que já se atreveram a pesquisar-viver assim.

Ufa, depois de tantos desvios que possamos chegar com esperança e alegria para contornar o Si, nosso objetivo de autorretratar-se enquanto coisa eu invento tantas formas flutuantes com fissuras inimagináveis nas (com)posições que somos habitados.

Desfolhagens, habitações de objetos múltiplos, desejo que algo fique diferente ou será de que tudo seja diferente, não poderá a escritura de si na Educação e Ensino de Ciências considerar a vida? o pulsar? O sentir? O rachar? O que farão com tudo isso que fiz de vocês?

Pronto, agora chegou o dia de contornar-se, vamos lá pintar para Des-retratar-se ... como foi para você retratar o Si?

Bibliografias

ABBAGNANO. **Dicionário de Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARBOSA, R. L. F. **Foucault e a questão da ética**: a liberdade problematizada como ethos. 2008. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Lisboa: Alfabeta, 2022.



BRITO, A. E. Professores experientes e formação profissional: evocações... narrativas... e trajetórias... **Linguagens, Educação e Sociedade**, ano. 1, n. 17, p. 29-38, 2007.

BRITO, M.R. Não tenho consciência unitária, mas tenho corpo e intensidades: as ruínas de Joana. In: CHAVES, S.N.; SILVA, C.A.F.; BRITO, M.R. (Orgs.). **Cultura e Subjetividade**: perspectivas em debate. São Paulo: Editora Livraria da Física. p.177-194, 2016.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, v. 28. n. 1, p. 11-30, 2002.

BUENO, B. O.; et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 385-410, 2006.

CHAVES, S. N. Memória e auto-biografia: nos subterrâneos da formação docente. In: SOUZA, E.C. de. (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: ensino e pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS. p.161-176, 2006.

CHAVES, S. N. **Formação, ciência e arte**: autobiografia, arte e ciência na docência. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

CHAVES, S. N. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.) **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências** [recurso eletrônico] / Raphael Alves Feitosa; Solonildo Almeida da Silva (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

CHENÉ, A. Narrativa de formação e formação de formadores. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

CONNELLY, F. M. E; CLANDININ, D. J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa In: LARROSA, J. (org). **Déjame que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CONNELLY, F. M. E.; CLANDININ, D. J. **Pesquisa Narrativa**: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Trad: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. – Uberlândia: EDUFU, 2000.

CUNHA, R. **A Pesquisa narrativa**: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. 2009. http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/3_5_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf. Acesso em: 07 de junho de 2017.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 17, núm. 51. p. 523-536, 2012.

DIAS, R. M. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, p. 17-34, 1988.

FISCHER, Beatriz Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. **História da Educação**. ASPHE\FaE\UFPel, Pelotas, n.1, p.5-20, 1997.



FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V**. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Ed. 3. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, v. 11. n. 2. p. 327-345, 2005.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v.63, n. 3, p. 413-438, 2007.

LARROSA, J. B. Literatura, experiência e formação. In: _____. **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. COSTA, M. V. (org.). ed. 2. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. ed. 23. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1995.

NACARATO, A. Narrar a experiência docente... em processo de (auto)formação. In: GRANDO, R. C.; TORICELLI, L.; NACARATO, A. M. (Orgs.) **De professora para professora**: conversas sobre iniciação matemática. São Carlos: Pedro & João Editores. p.143-159, 2008.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2001.

ONATE, A.M. **O crepúsculo do Sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica**. São Paulo: Discurso editorial, 2000.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 329-346, 2006.

POPKEWITZ, T. S. História de currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T.T. (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 4.ed. Petrópolis, Vozes, p.173-210, 2000.

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 15, n. 16, p.17-34, 2008.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROSA, J. G.. **Grande sertão: veredas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação. **Educação em questão**, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2006a.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador/BA: UNEB, 2006b.



SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: A invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

VEIGA-NETO, A. Na Oficina de Foucault. In: KOHAN, W.; GONDRA, J. (org). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

WUNDER. A. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Recebido em: 25/04/2023

Aceito em: 15/05/2023

[1] Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: cboliveira@uea.edu.br

[2] Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: mdcosta@uea.edu.br

[3] Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: maikawa@uea.edu.br